



A TORRE DE CLOTILDE.

Remontando-nos na historia de Paris aos primeiros seculos da nossa era, os factos apparecem obscuros no vago da tradição, e é bem difficil apontar-lhes a data exacta. Quem é, por exemplo, o verdadeiro fundador de Thermes, construção colossal, attribuida gratuitamente a Juliano, formada de diversas partes, em muitas epochas, e cuja importancia não era bem apreciada antes da destruição das casas que se foram multipli-

cando sobre as suas ruinas, e fortalecendo com as suas vastas muralhas? Não saberiamos dizel-o com certeza; sabemos só que foi a habitação sumptuosa do soberano, durante o dominio romano e no tempo dos reis barbaros.

Não é duvidoso, por exemplo, que Clovis habitou ahi, — bem orgulhoso, de certo, de tal residencia. A tradição conta que fizera construir uma casa de campo a pouca distancia d'esta mo-

VOL. I. — 4.ª SERIE.

DEZEMBRO, 19, 1857.

C. M. L.
G. M. L.
DE
OLISIP.

rada real, sobre o alto da collina chamada depois montanha Santa Genoveva. Esta localidade era então occupada em parte por um cemiterio, e em parte por oleiros. Estes acharam nos flancos da collina, a grande profundidade, excellente greda com que fabricavam a afamada loiça de barro.

Um dia que Clovis passeava acompanhado de Clotilde, sua mulher, deu-lhe parte das inquietações que lhe inspirava a guerra que rebentara entre os francos e a poderosa nação dos visigodos, senhora da mais rica parte das Gallias. A piedosa rainha não despresava occasião de voltar para Deus e os santos o espirito do barbaro cuja conversão obtivera: «Porque não recorreis, disse ella, aos santos apóstolos Pedro e Paulo? intercederão por vós, e Deus vos dará a victoria.» No meio das hesitações em que Clovis se achava abysmado, pareceu-lhe bom o conselho. Lembrando-se que um voto lhe salvara a vida em Tolbiac, esperou que o mesmo meio teria bom exito tambem d'esta vez; e, arrojando a sua framea com vigorosa mão a que a esperança dava ainda mais força, exclamou: — «Juro levantar aqui mesmo uma igreja a S. Pedro e S. Paulo, se me derem a victoria e proximo regresso.» Notemos, de passagem, que os grandes actos de devoção, nas epochas barbaras, tem muitas vezes o character d'um contracto. Clovis promettera a Deus, durante a batalha de Tolbiac, abraçar a religião christã, com a condição de derrotar os alemães. Troca por troca; se fosse vencido, ficaria talvez idolatra.

Seja como fôr, cumpriu, quando voltou de Vouillé, com o escrupulo que tinha, não em todas as negociações, como o prova a sua historia, mas nos empenhos que tomava com Deus e os santos; pagou a sua divida aos santos apóstolos; edificou a igreja que tinha votado a S. Pedro e S. Paulo, no sitio onde caíra a framea. Os chronistas contam que ostentou n'esta construcção extraordinaria magnificencia. O que se admirava mais nas obras d'arte que o imperio deixara, eram estes grandes quadros indestructiveis onde se empregava quantidade de pequenas pedras de côr, entalhadas regularmente. Comparada a da pintura, a representação era tosca, mas solida; vantagem inapreciavel. A igreja foi pois ornada no interior de vastos mosaicos. Existiam ainda vestigios no tempo d'Estevão de Tournay, no seculo XII.

O conquistador não teve tempo de acabar a obra começada. A basilica foi continuada e concluida pela rainha Clotilde, que ahi depositou o corpo de seu marido, e foi ella mesma enterrada. Para o mesmo logar foram conduzidos os restos de santa Prudencia, de santa Alda, e o corpo d'esta heroica menina, santa Genoveva, protectora de Paris, a pacifica Joanna d'Arc do seculo V.

É deploravel, diz o autor d'onde extrahimos este artigo, que a antiga igreja de Clovis tenha desaparecido; que este jazigo subterraneo, onde foram depositados o primeiro rei francez e a

grande santa nacional, fosse entulhado, não no meio das tempestades revolucionarias, mas tranquillamente de 1807 a 1808! Quem passar pela rua que conduz da praça do Pantheon á escola polytechnica, entre o lyceu Napoleon, e a igreja de S. Estevão du Mont, demore-se um instante: tem debaixo dos pés o solo onde repoisaram tranquilas, pelo espaço de trezentos annos, as cinzas de santa Genoveva, de Clovis, e de santa Clotilde. Do meio dos edificios da antiga abbadia de santa Genoveva, ergue-se uma torre; a tradição uniu-lhe o nome de Clotilde. Mas a que hoje ahi se vê não data de tão longe; foi construida durante o seculo X (entre 970 e 980), sem duvida sobre o terreno d'uma torre mais antiga que remontava ao tempo de Clotilde, e tinha soffrido, como a antiga igreja, as excursões devastadoras dos normandos.

Os fundamentos do campanario, de que damos o desenho, foram postos por um dos conegos seculares que occupavam a abbadia antes do abade Suger a reformar introduzindo-lhe, pelo anno 1148, os religiosos da ordem de S. Victor. Chamava-se Theobaldo e exercia as funcções de mestre do côro. O necrologio da casa de S. Genoveva diz-nos que não tivera tempo d'acabar a torre e que a levantara só até ao primeiro andar: *Obiit Thebaldus sacerdos et precentor qui turrim usque ad premium solium erexit.* Não é duvidoso, quando se observa a solidez dos fundamentos, que a intenção de Theobaldo fosse de lhe dar consideravel altura.

O mais superficial exame mostra que o segundo e terceiro andares são quasi tão antigos como o primeiro, e deveram ter sido edificados pelo mesmo tempo. Liga-se a esta construcção o nome d'um personagem, chamado Maignault, que foi provavelmente quem a acabou.

Quasi no fim do seculo V caíram dois raios, e com intervallos proximos, sobre a torre, que foi gravemente damnificada, assim como a igreja e o edificio visinho. Em 1483, um incendio fez fundir os sinos. Toda a cidade de Paris assistiu a este espectáculo; um mar de fogo e de metal em fusão envolveu por muitas horas a antiga torre, sem a destruir. As unicas partes que soffreram seriamente foram a agulha, as balastradas, e a escada desde o segundo andar. Para reparar os estragos occasionados por estes terriveis accidentes, o abade de S. Genoveva obteve da côrte de Roma a permissão de recorrer ás indulgencias, cuja venda deu origem, por esta epocha, a tantos abusos. N'estas circumstancias, as grandes sommas que a abbadia recolheu da piedade dos fieis receberam excellente emprego, porque foram applicadas a levantar novas construcções, mais consideraveis e melhor executadas do que as destruidas. Reparou-se pois o alto da torre, a agulha, a balastrada, e a escada cujas elegantes janellas de sacada se vêem da rua Clovis. O estylo d'estas construcções do reinado de Carlos VIII é o gothico.

A obra do seculo X ficou intacta, salvo a ja-

nella do primeiro andar que foi restaurada. A flecha desapareceu no seculo passado; os campanariosinhos dos angulos foram apeados. Uma das janellas de sacada não existe: demoliram-na por temerem que caisse sobre os viandantes. Em summa, só soffreu a obra do seculo xv.

Subindo a esta torre, encontra-se no primeiro andar o antigo relogo, que regula o emprego das horas da vida dos estudantes com a inflexivel exactidão com que dividia a existencia estudiosa e recolhida dos religiosos. O relojoeiro que o construiu chamava-se Galande; era perfeito. A machina, que foi dada pelo duque d'Orleans á abbadia em 1718, é hoje, como então, excelente.

No segundo andar, o guardião, mostrando duas escadas, alçadas perpendicularmente ao meio do formidavel madeiramento interior, pergunta-vos se quereis ir á sala dos frades. É raro experimentar-se o desejo de satisfazer a curiosidade pelo preço d'esta ascensão. Mas quando cedeis, chegaes, segurando-vos bem aos varões, como em uma escada de corda, e ajudando-vos de pés e mãos, a um alçapão praticado no meio do pavimento collocado a distancia d'alguns metros da plataforma da torre. Ali, em uma especie de sala, limitada pelos muros do edificio, que occupa toda a largura, vêem-se banquetas postas em ordem d'ambos os lados. Por baixo do alçapão, está um abysmo de cem pés, d'onde vem a luz. O vento assovia na floresta de madeira que tendes aos pés, e brame ao redor das muralhas; ao seu ruido misturam-se os gritos das andorinhas e morcegos. Mas qual podia ser o destino d'esta sala a que é tão difficil chegar? A quem esperam estas banquetas ordenadas ao longo da parede? Era um logar de refugio? Não se sabe que perigo tinham a correr, e por conseguinte a prever os religiosos. Era comtudo um logar de reunião; não se pode duvidar. Em todo o caso, quando se ignora qual era o objecto d'estas reuniões, acha-se que o logar foi singularmente escolhido, e não se comprehende que os negocios do convento podessem nunca tornar necessario tanto mysterio e isolamento.

Do alto da torre, descortina-se immenso horizonte.

CATALOGO DAS PESSOAS QUE TEEM GOVERNADO O ESTADO DA INDIA, DESDE A SUA DESCOBERTA ATÉ HOJE, E DATAS DA POSSE DE CADA UM.

- i. Governador e vice-rei, D. Francisco d'Almeida, 1505.
- ii. Governador, Affonso d'Albuquerque, 1509.
- iii. Lopo Soares d'Albergaria, 1515.
- iv. Diogo Lopes de Sequeira, 1518.
- v. D. Duarte de Menezes, 1521.
- vi. D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira (2.º vice-rei), 1524.

- vii. D. Henrique de Menezes, o Roxo, 1526.
- viii. Lopo Vaz de Sampayo, idem.
- ix. Nuno da Cunha, 1528.
- x. D. Garcia de Noronha (3.º vice-rei), 1538.
- xi. D. Estevão da Gama, 1540.
- xii. Martim Affonso de Sousa, 1542.
- xiii. D. João de Castro (4.º vice-rei), 1545.
- xiv. Garcia de Sá, 1548.
- xv. Jorge Cabral, 1549.
- xvi. D. Affonso de Noronha (5.º vice-rei), 1551.
- xvii. D. Pedro Mascarenhas (6.º vice-rei), 1554.
- xviii. Francisco Barreto, 1555.
- xix. D. Constantino de Bragança (7.º vice-rei), 1558.
- xx. Conde de Redondo, D. Francisco (8.º vice-rei), 1561.
- xxi. João de Mendonça, 1564.
- xxii. D. Antão de Noronha (9.º vice-rei), idem.
- xxiii. D. Luiz d'Athayde (10.º vice-rei), 1568.
- xxiv. D. Antonio de Noronha (11.º vice-rei), 1571.
- xxv. Antonio Moniz Barreto, 1573.
- xxvi. D. Diogo de Menezes, 1576.
- xxvii. D. Luiz d'Athayde, agora conde de Athougua (12.º vice-rei) 2.ª vez, 1578.
- xxviii. Fernão Telles, 1580.
- xxix. Conde da villa d'Otta, D. Francisco Mascarenhas (13.º vice-rei), 1581.
- xxx. D. Duarte de Menezes (14.º vice-rei), 1584.
- xxxi. Manuel de Sousa Coutinho, 1588.
- xxxii. Mathias d'Albuquerque (15.º vice-rei), 1590.
- xxxiii. D. Francisco da Gama, conde almirante (16.º vice-rei), 1596.
- xxxiv. Ayres de Saldanha (17.º vice-rei), 1601.
- xxxv. D. Martinho Affonso de Castro (18.º vice-rei), 1605.
- xxxvi. O arcebispo D. Aleixo de Menezes, 1607.
- xxxvii. André Furtado de Mendonça, 1609.
- xxxviii. Ruy Lourenço de Tavora (19.º vice-rei), idem.
- xxxix. D. Jeronymo de Azevedo (20.º vice-rei), 1612.
- xl. Conde de Redondo, D. João (21.º vice-rei), 1617.
- xli. Fernão d'Albuquerque, 1619.
- xl. Conde da Vidigueira, D. Francisco (22.º vice-rei), 1622.
- xl. D. Fr. Luiz de Brito, bispo de Meliapor, 1628.
- xliv. D. Lourenço da Cunha; Nuno Alvares Botelho, 1629.
- xl. Conde de Linhares, D. Miguel (23.º vice-rei), idem.
- xlvi. Pedro da Silva (24.º vice-rei), 1635.
- xlvii. Antonio Telles, 1639.
- xl. Conde d'Aveiras, João (25.º vice-rei), 1640.

XLIX. D. Philippe Mascarenhas (26.º vice-rei), 1645.

Tendo morrido em viagem o conde d'Aveiras, que ia segunda vez governar a Índia, tomaram a governança por via de successão:

L. D. Fr. Francisco dos Martyres, arcebispo; Antonio de Sousa Coutinho; Francisco de Mello e Castro, 1651.

LI. Conde de Obidos, Vasco Mascarenhas (27.º vice-rei), 1652.

Foi deposto depois de uma sedição, e eleito para o substituir:

— D. Braz de Castro, 1653.

LII. Conde de Sarzedas (28.º vice-rei), 1655.

LIII. Manuel Mascarenhas Homem, 1656

LIV. } Francisco de Mello e Castro (2.ª vez,
} Antonio de Sousa Coutinho (idem).

LV. Luiz de Mendonça Furtado, 1661.

LVI. D. Pedro de Lencastre, 1662.

LVII. Antonio de Mello e Castro (29.º vice-rei), idem.

LVIII. Conde de S. Vicente (30.º vice-rei), 1666.

LIX. Antonio de Mello de Castro, 1668.

LX. Conde de Lavradio, Luiz de Mendonça Furtado, segunda vez (31.º vice-rei), 1671.

LXI. D. Pedro d'Almeida (32.º vice-rei), 1677.

LXII. D. Fr. Antonio Brandão, arcebispo; Antonio Paes de Sande, 1679.

LXIII. Conde de Alvor, Francisco de Tavora (33.º vice-rei), 1681.

LXIV. D. Rodrigo da Costa, 1686.

LXV. D. Miguel d'Almeida, 1690.

LXVI. D. Fernando Martins Mascarenhas; Luiz Gonçalves da Costa; D. Fr. Agostinho da Annuniação, 1691.

LXVII. Conde de Villa-Verde (34.º vice-rei), 1693.

LXVIII. Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho (35.º vice-rei), 1698.

LXIX. Arcebispo D. Agostinho (segunda vez); D. Vasco Luiz Coutinho, 1701.

LXX. Caetano de Mello e Castro (36.º vice-rei), 1702.

LXXI. D. Luiz da Costa (37.º vice-rei), 1707.

LXXII. Vasco Fernandes Cesar de Menezes (38.º vice-rei), 1712.

LXXIII. D. Sebastião de Andrade Pessanha, arcebispo, 1717.

LXXIV. Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes (39.º vice-rei), idem.

LXXV. Francisco José de Sampayo e Castro (40.º vice-rei), 1720.

LXXVI. D. Christovão de Mello, 1723.

Ao qual depois foram adjunctos:

— O arcebispo D. Ignacio de Santa Thereza; o chanceller Christovão Luiz d'Andrade.

LXXVII. João de Saldanha da Gama (41.º vice-rei), 1725.

LXXVIII. D. Ignacio de Santa Thereza (segunda vez); D. Christovão de Mello (idem); o secretario do estado, Thomé Gomes Moreira, 1732.

LXXIX. Conde de Sandomil, Pedro de Mascarenhas (42.º vice-rei), idem.

LXXX. Marquez de Louriçal, conde da Ericeira (43.º vice-rei), 1741.

LXXXI. D. Francisco Vasconcellos, bispo de Cochim; D. Lourenço de Noronha; D. Luiz Caetano d'Almeida, 1742.

LXXXII. Marquez de Castello Novo, depois de Alorna (44.º vice-rei), 1744.

LXXXIII. Marquez de Tavora (45.º vice-rei), 1750.

LXXXIV. Conde d'Alva, D. Luiz (46.º vice-rei), 1754.

LXXXV. D. Antonio Taveira, arcebispo; João de Mesquita Mattos, chanceller; Philippe de Valladares Soutomaior, 1756.

LXXXVI. Conde da Ega (47.º vice-rei), 1758.

Tendo morrido na viagem o vice-rei conde da Louzã, tomaram em seu lugar a governança:

LXXXVII. D. Antonio Taveira (segunda vez); D. João José de Mello; João Baptista Vaz Pereira, chanceller, 1765.

LXXXVIII. D. João José de Mello (só), 1768.

LXXXIX. Philippe de Valladares (segunda vez), 1774.

XC. D. José Pedro da Camara (primeiro governador e capitão general), idem.

XCII. D. Frederico Guilherme de Sousa, 1779.

XCIII. Francisco da Cunha e Menezes, 1786.

XCIV. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, tenente general, 1794.

XCV. Conde de Sarzedas (1.º vice-rei e capitão general de mar e terra), 1807.

XCVI. Conde de Rio Pardo (idem), 1816.

Deposto em consequencia da revolução de 1820. Governaram por eleição popular:

— O conselheiro Manuel José Gomes Loureiro; os desembargadores Gonçalo de Magalhães Teixeira, e Manuel Duarte Leitão; os marechaes de campo Manuel Godinho de Mira, e Joaquim Manuel Corrêa da Gama, 1821.

XCVII. D. Manuel da Camara, idem.

Nomeado governador pela côrte, foi obrigado a tomar por companheiros na administração do estado:

— D. Fr. Paulo de S. Thomaz, arcebispo de Cranganor; Antonio José de Mello Soutomaior Telles, brigadeiro, João Carlos Leal, desembargador; Antonio José de Lima Leitão, physico-mór, idem.

— D. Manuel da Camara (só) vice-rei, 1822.

XCVIII. D. Fr. Manuel de S. Galdino, arcebispo; Candido José Mourão, chefe de esquadra; Antonio Ribeiro de Carvalho, 1825.

XCIX. D. Manuel de Portugal e Castro, ultimo vice-rei, 1827.

C. Bernardo Peres da Silva (prefeito), 1835.

Foi deposto pelo povo e tropa.

— Joaquim Manuel Corrêa de Sá e Gama, marechal de campo. (Serviu como primeiro conselheiro de prefeitura). Governou oito dias! idem.

— Coronel João Casimiro Pereira da Rocha; physico-mór Manuel José Ribeiro; padre Constantino de Santa Ritta, idem.

Por morte dos dois ultimos:

— Os tenentes coroneis João Cabral de Estique, e Antonio Maria de Mello, idem.

c. Barão de Sabroso (governador geral), 1837.

— D. Antonio de Santa Ritta, arcebispo; José Antonio Vieira da Fonseca, coronel; José Cancio Freire de Lima, juiz da relação; Domingos José Mariano Luiz, escrivão da fazenda, 1838.

ca. José Antonio Vieira da Fonseca (só) governador interino, 1839.

cii. Barão de Candal, idem.

— José Antonio Vieira da Fonseca (outra vez); José Cancio Freire de Lima, idem; Domingos José Mariano Luiz, idem; Vigario capitular, Antonio João d'Athaide; José da Costa Campos; Caetano de Sousa Vasconcellos, 1840.

ciii. José Joaquim Lopes de Lima (interino) idem.

Foi deposto por uma sublevação, e ficou regendo o estado o conselho do governo, assim composto:

— Antonio Ramalho de Sá; Antonio José de Mello Sotto-maior; José da Costa Campos (2.^a vez); Caetano de Sousa Vasconcellos, idem, 1842.

civ. Conde das Antas, idem.

cv. José Ferreira Pestana, 1843.

cvi. Visconde de Villa Nova d'Ourem, 1851.

cvii. Visconde de Torres Novas, 1855; ainda governa a India.

Dos vice-reis e governadores mencionados, morreram n'aquelle estado os seguintes:

Affonso d'Albuquerque, Vasco da Gama, D. Henrique de Menezes, D. Garcia de Noronha, D. João de Castro, Garcia de Sá, D. Pedro Mascarenhas, conde de Redondo (D. Francisco), D. Antão de Noronha, D. Luiz de Athaide, D. Duarte de Menezes, D. Martim Affonso de Castro, Conde de Redondo (D. João), D. Fr. Luiz de Brito, D. Lourenço da Cunha, Pedro da Silva, conde de Sarzedas, Manuel Mascarenhas Homem, conde de S. Vicente, D. Pedro de Almeida, D. Fr. Antonio Brandão, D. Rodrigo da Costa, D. Miguel de Almeida, Luiz Gonçalves da Costa, Francisco José de Sampaio e Castro, marquez de Lourical, conde d'Alva, D. João José de Mello, D. Manuel da Camara, barão de Sabroso, e barão de Candal (!)

E falleceram na volta para o reino:

D. Francisco de Almeida, Nuno da Cunha, D. Filippe Mascarenhas, Manuel de Sousa Coutinho, conde de Lavradio, e Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho.

Se juntarmos a estes, os nomes de tantos outros heroes portuguezes que por lá ficaram, mortos ás mãos de moiros, de gentios e de cafres, victimas do mar, da fome e dos trabalhos de todo o genero, taes como D. Christovão da Gama, Manuel de Sousa de Sepulveda, Pedro de Athaide Inferno, Bartholomeu Dias, D. Lourenço de Almeida, o marechal D. Fernando Coutinho; os irmãos D. Affonso e D. Antonio de Noronha, sobrinhos do grande Albuquerque; D. Paulo da Gama, filho do descobridor; Heitor da Silveira, D. Fernando de Castro, D. Paulo de Lima, e

muitos mais que não tornaram a ver a patria, e acabaram pelejando, naufragando, torturados pela doença ou pelos martyrios do captiveiro... acode logo á idéa o perguntar para que se derramou sangue tão nobre, em vista do estado actual da India portugueza!

Hoje só nos resta no Oriente a recordação de um nome glorioso, e a saudade dos tempos em que fomos grandes e respeitados!

F. M. BORDALO.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

SOBRE AS AGUAS.

VI

Continuação *

Simão Rodrigues, sem ainda poder comprehender como aquelles estranhos successos se haviam passado, sentou-se na popa da barca, ao lado do padre Gaspar, e viu separar-se a outra, que foi velejando para a foz do Tejo, caminho da torre de S. Gião.

Reconheceu em D. Gil o personagem que o atacara quando se recolhia, e que ajudado de mais tres, depois de lhe taparem a bocca com mordaca, e o maniatarem, o conduziram por viellas e ruas pouco frequentadas até á beiramar, onde o obrigaram a metter n'um barco, andando no rio até serem alcançados por dois outros, que á força de vela o seguiram, manobrando com tal arte, que dentro em pouco seguraram entre si aquelle onde navegava.

Lembrava-se que uma das primeiras vozes soltadas pelos que tripulavam as segundas barcas, foram: «da parte d'el-rei, entregae-vos!» Que depois entre todos aquelles homens se travara uma luta; e que por fim entrada a barca á viva força, a sua tripulação se mudara para uma das outras, trocando-se alternativamente a equipagem.

Vira depois afastarem-se em opposta direcção as duas recémchegadas barcas, velejando uma para a praia, e seguindo a outra para a torre de S. Gião, como acima se disse; e conhecia que aquella em que se achava andava pairando, como irresoluta do rumo que seguiria.

Não dera pelo padre Gaspar em nenhuma das barcas que o vieram libertar; se bem que se recordava agora, achando-o a seu lado, ter visto n'uma d'ellas um vulto que no trajar se assimilava ao padre.

Mas não podia comprehender porque estranho destino, ou casual providencia, o jesuita se encontrara áquellas horas no Tejo para o libertar; e menos acertava nos juizos que formava d'aquella concatenação de successos, tão variados no curto espaço de poucas horas.

O jesuita, estendendo a mão para Simão Rodrigues, fizera-lhe signal de que se sentasse junto a si; e dando-lhe, como acabamos de ver, as-

(*) Do num. 49.

szaz tempo para reflectir sobre aquelles estranhos casos, pareceu absorver-se na contemplação dos astros, que n'este momento fulguravam destacando-se brilhantemente das trevas que obscureciam o horisonte.

Tudo ao redor era silencio.

— Á fé que não acerto com os successos d'esta noite, disse Simão Rodrigues voltando-se para o padre Gaspar.

— E bem confusos são, respondeu o jesuita sem despregar os olhos de sobre as estrellas, onde os fixara.

— Com o coração pulsando de alegria recolhia-me a casa...

— E especialmente satisfeito pela obra em favor do revendão.

— Que não é isso para se fallar em tal...

— Mas que d'ahi vos proveiu o salvamento, senhor Simão Rodrigues, disse o padre fitando as vistas no seu interlocutor. As boas obras são as sementes que se lançam á terra, e lá do ceo Deus as abençoa para fructificarem. Estranhareis, talvez, esta minha linguagem depois dos juizos que ainda esta tarde formastes a meu respeito....

— Eu!...

— Não me atalheis, senhor Simão Rodrigues. Um padre da Companhia lê no mais reservado pensamento, e aquelle modo frio com que me recebestes assaz me revelou o vosso sentir a meu respeito; mas louvado Deus, o padre Gaspar pode ter defeitos, e muitos, que tal é a natureza do homem; mas está longe de ter coração de fera, e de corresponder á idéa que o vulgo forma da nossa ordem. A companhia impera, e hade imperar, por estes sentimentos de humanidade, por esta acarinhação de vontades correndo em socorro do afflicto. Ai d'ella, quando se transviar d'este caminho!... Isto em mim foi um desafoço, mancebo, que nada tem com os vossos trabalhos de hoje. Esquecei o que disse, e lembrae-vos só de que no perigo corrido, foi a roupeta de Santo Ignacio quem vos salvou.

— Padre Gaspar, disse o mancebo levantando-se, nunca eu sube ser ingrato.

— Assaz o sei, senhor Simão Rodrigues.

— Pois bem. Aqui, entre o ceo e as ondas, tomando por testemunhas as estrellas que nos illuminam, prometto a vós, e a Deus, que este beneficio nunca me será esquecido.

— E contaes tambem com o nosso auxilio. A scena de hoje deve provar-vos que andaes cercado de inimigos, e que elles são poderosos. É mister por tanto acautelar-vos. O perigo não está só pela vossa parte. Ha outra pessoa que ainda o corre maior que vós.

— Beatriz!

— Sim, Beatriz. Bem sei que o vulgo accusa a Companhia de Jesus de ambiciosa em suas vistas, porque os seus membros são recebidos nas casas opulentas com favor... porém o vulgo não diz que a Companhia desce tambem á casa do pobre e do desvalido, e com elle reparte os thesouros que o rico lhe offerta! Bem sei eu que

nos accusam da educação dos mancebos fidalgos, como meio de seducção para nos tornarmos poderosos; mas não dizem os invejosos que o filho humilde do homem do povo é instruido egualmente por nós como o filho do nobre, e que por nós é egualmente protegido e amparado para seguir os cargos publicos, porque não nos atemos a distincções, que as não fazemos nas nossas classes. Esse mal de que nos acoimam desmentem-no as acções; e se a Companhia é forte, se ella é poderosa, buscae-o no favor e protecção que lhe dispensam as agradecidas familias dos seus educandos, e não n'essas maximas insolitas que a impiedade nos attribue, porque não tem outra arma para nos combater, senão as da vilania! O pae de Beatriz fez bastante pela Companhia... fez muito. Aldonsa Peres é uma virtuosa senhora que reparte os dons de Deus, entregando-os ás nossas mãos para os derrarmos pela orphanidade desvalida, e pela pobreza envergonhada: Beatriz é um lyrio de innocencia, que desabrochando apenas ao sol da primavera ainda não conheceu um dia de tempestade.... e vós, senhor Simão Rodrigues, sois um mancebo de honra.... Tanto basta para a Companhia proteger a todos. Ainda um outro motivo ha.... porém esse é pessoal para o interesse que vos dedico. Vossa mãe...

— Oh! minha mãe, minha mãe... Para que me fallaes d'ella, padre Gaspar?!

— Para vos dizer que foi um anjo, que mui cedo se desprende de este mundo para voar ás regiões d'onde descera; e que de lá vos vigia e defende.

— Sim, padre... Nas auras que n'este momento passam deslizando-se em torno de nós... n'aquellas estrellas que acolá resplandecem sobre nossas cabeças... n'este murmurio das aguas que vão correndo para o Oceano, tão placidas agora depois da tormenta d'esta tarde, parece-me vê-la, e ouvir-lhe a voz!... Quando ha pouco ainda o tufão rugia, e o raio estalava, confesso-vos que uma sinistra apprehensão me afastava de vós; porém agora, que a natureza cansada de tão horrenda luta voltou a repousar, auras, estrellas e mar, tudo me impelle para vós, como para o meu protector!... Mas que tem minha mãe com vosco?... Que perigo corre Beatriz n'este momento?... Oh! fallae, fallae.

— Em quanto a Beatriz socegae, que a tempestade que a ameaça ainda vem remota, e ambos podemos conjural-a. O que teve vossa mãe comigo!... É uma historia mui longa, mas que breve resumirei. Ouvi.

E o padre Gaspar fazendo de novo sentar Simão Rodrigues junto a si, e dando uma pequena inclinação ao leme, para afastar a barca mais para o largo, assim principiou.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A mulher espirituosa tem mais valia que a formosa.

AMAR-ME-HAS?

CANÇÃO TRADUZIDA DO FRANCEZ.

Ai! Rosa, minha Rosa,
Vem dar-me o teu amor,
Terás quanto quizeres
Que eu sou grande senhor.

Tu dançarás
E walsarás,
Magica rosa;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

Oh! gentil formosura
Rainha te farei,
E as flores d'esses prados
Em joias tornarei.

Tu dançarás
E walsarás,
Oh! formosura;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai! não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

Terás seda e velludos
Terás d'um grande o amor,
E dos jardins da côrte
Serás a melhor flor!

Tu dançarás
E walsarás,
Mas só na côrte;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai! não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

CONSOLAÇÃO.

Diz, ó virgem, porque inanime
Sobre o peito a fronte inclinas?
Porque as faces purpurinas
T'as desmaia a pallidez?

Porque suspiras tristissima,
Porque te vejo arquejante,
E o teu olhar scintillante
Se humedece em languidez?

Porque, triste e melancolica,
Scismas tu d'esse feitio,
E te vejo o pranto em fio
Pelas faces deslizar?

D'onde provém essas lagrimas,
Que, orvalhando o teu enleio,
Vão audazes ao teu seio
Discreto asylo buscar?

Soffres, vê-se: a dôr é intima
Mas qual? illusões perdidas?
Esp'ranças emmurhecidas
Ou mil saudades d'amor?

«É tudo!» murmura tímida
A donzella feiticeira;
Da minha afeição primeira
Da saudade herdei a dôr!

Saudade, flor cruelissima,
Gosto amargo de infelizes,
Que vem firmar as raizes
Nas fibras do coração!»

Vê-se: da saudade és victima.
Soffres d'ella o acerbo trato,
Que por cego ou por ingrato
Amor pagou com traição!

Não chores, virgem, merecem-t'o?
Cobra alento e confiança,
Não nega Deus a esperança
Na terra aos anjos do ceo.

Pede ao Eterno em votos fervidos
Esquecimento e ventura;
Porque na terra a ternura...
A ternura... dou-t'a eu!...

MENDES LEAL (ANTONIO).

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Continuação.

O rei de Bohemia é *archi-pincerna*, que quer dizer copeiro-mór do imperio. O eleitor de Baviera é *archi-dapifer*, ou mordomo-mór. O eleitor de Saxe é *archi-marescallus*, grã-marechal. O eleitor de Brandebourg é *archi-camerarius*, camareiro-mór. O eleitor palatino é *archi-thesaurarius*, grã-thesoureiro do imperio. Quanto ao eleitor do Hanover não se lhe determinou officio.

Julga-se que a dignidade eleitoral, ou o direito de eleger o imperador, não se reuniu aos officios môres, ou principaes da corôa, senão porque os grã-officiaes eram os que annunciavam a eleição feita por todos os estados do imperio. No dia da coroação os eleitores exercem suas funcções junto ao imperador, por si, ou pelos seus substitutos, cujos officios são hereditarios em certas familias.

Os eleitores ecclesiasticos chegam á dignidade eleitoral pela escolha dos capitulos, os quaes elegendo um arcebispo, o fazem eleitor: d'onde

se vê que um simples conego de Moguncia, Treves, ou Colonia, pode chegar a esta eminente dignidade. Para os eleitores ecclesiasticos gosarem o direito de eleger imperador, basta que tenham sido eleitos, ou postulados legitimamente, sem carecerem para isso da confirmação do papa.

Os eleitorados seculares adquirem-se pelo direito de nascimento. São hereditarios; não se podem compartilhar; pertencem em inteiro aos primogenitos das casas eleitoraes, que são declarados maiores na idade de 18 annos, servindo-lhes de tutor na menoridade o parente agnado mais proximo.

O corpo mais augusto do imperio é o collegio eleitoral. Gosam de consideraveis prerogativas que os collocam acima dos outros principes da Alemanha: 1.º tem direito de eleger um imperador, e um rei dos romanos, só, e sem concurso dos outros estados do imperio: 2.º podem juntar-se para formar uma dieta eleitoral, e deliberar sobre os seus negocios particulares, e os de todo o imperio, sem para isso carecerem do concurso do imperador: 3.º exercem nos seus eleitorados uma jurisdicção soberana, sem que seus subditos possam appellar de suas decisões para os tribunaes do imperio; isto é para a camara imperial do conselho aulico; o que se chama na Alemanha, *privilegium de non appellando*: 4.º o imperador não pode convocar a dieta sem o consentimento do collegio eleitoral: 5.º cada eleitor tem o direito de apresentar dois accessores ou juizes da camara imperial: 6.º os eleitores são isentos de pagarem direitos á chancellaria imperial, quando tomam a investidura dos seus estados.

Os eleitores pretendem marchar apar com as testas coroadas, e mesmo não cedem aos reis na cõrte do imperador. Teem o direito de enviar embaixadores. O imperador quando lhes escreve, trata os eleitores ecclesiasticos por *sobrinhos*, e os seculares por *tios*. Querem ser os unicos no direito de redigir os artigos da capitulação imperial; mas este direito lhes é contestado pelos outros principes e estados do imperio; apesar do que sempre tem continuado de posse d'elle.

Além d'estes privilegios que são communs a todos os eleitores, ha ainda outros que são particulares a cada um d'elles. Os attributos da dignidade eleitoral são a corõa, que é um barrete escarlata, cercado de arminho, e com um semicirculo d'oiro coberto de perolas, com um globo e uma cruz em cima; a capa forrada d'arminho, a espada e a cruz para os ecclesiasticos. Da-se-lhes o titulo de alteza eleitoral. O filho mais velho d'um eleitor secular intitula-se principe eleitoral.

Continua.

A.

Se os militantes de Deus não quizessem ser militantes do mundo; os frades, e padres teriam sido mais respeitadas nas guerras civis.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA BAÇA.

Pepino, o Pequeno.

Continuação.

751—754. Pepino fez-se sagrar em Soissons por S. Bonifacio, legado do papa, e arcebispo de Mayence. Por este acto de religião, até então desusado em França, e do qual só Clovis tinha dado exemplo, queria elle tornar a sua pessoa mais augusta, e mais respeitavel a sua usurpação. Em seguida o novo monarcha expulsou os sarracenos das provincias meridionaes onde se tinham conservado, e submetteu os saxonios que supportavam desgostosos o jugo da França.

755—758. Começa aqui a epoca do poder temporal dos papas. Astolpho, rei dos lombardos, assenhoreou-se do exarchado de Ravenna, que pertencia ao imperador de Constantinopola, e emprehendeu tambem subjugar Roma. O papa Estevão III, muito fraco para lhe resistir, veio a França pedir o auxilio de Pepino. Este retomou o exarchado, que restituiu ao papa, não reservando para si senão a homenagem. O pontifice, cheio de reconhecimento, tranquillizou, por meio d'absolvição, os remorsos de que o seu protector era victima depois que se sentara no throno do seu soberano, em desprezo dos juramentos que fizera. Logo depois o papa conferiu-lhe de novo, na egreja de S. Diniz, a unção dos reis, e sagrou ao mesmo tempo a rainha Bertha, e seus dois filhos, Carlos e Carloman.

759—767. Pepino, sempre em guerra, quer contra os inimigos do papa, quer contra os do estado, era constantemente victorioso. *Gaifre* ou *Vaifre*, duque d'Aquitania, e um dos descendentes de Cariberto, segundo filho de Clotario II, tinha usurpado alguns bens que pertenciam aos ecclesiasticos, e recusava restituil-os. O monarcha francez voltou contra o rebelde as armas victoriosas; e, depois de muitas expedições motivadas por frequentes revoltas, despojou de suas provincias o desgraçado Gaifre, que foi morto por seus proprios soldados.

768. Esta conquista foi o ultimo acontecimento memoravel do reinado de Pepino. Este principe morreu na idade de cincoenta e quatro annos, tendo reinado dezesete. Foi enterrado á porta da egreja de S. Diniz, como tinha ordenado, com o rosto para a terra, na posição d'um penitente.

Bom rei, bom pae, bom amigo, guerreiro invencivel e profundo politico, fez esquecer que não tinha nascido para o throno. Teria passado por ser o maior monarcha da terra, se não tivesse tido por pae a Carlos Martel, e por filho a Carlos Magno. A sua administração foi dirigida com tão constante sabedoria, que depois, para dar a mais elevada idea de alguém, dizia-se em proverbio: *E' prudente como Pepino*. Pozeram-lhe no tumulo por epitaphio: *Aqui jaz Pepino, pae de Carlos Magno*; como se elle fosse ainda maior por seu filho do que por si proprio.

Continua.